

1. Introdução Geral

Este trabalho aborda um breve panorama sobre o reconhecimento de faces com uma apresentação dos modelos teóricos mais influentes e as implicações referentes aos processos cognitivos inerentes a percepção de faces. O conceito de prototipicidade e sua relação com as teorias cognitivas da percepção são introduzidos, considerando a relevância dessas teorias para os modelos cognitivos de reconhecimento de faces.

A percepção é o conjunto de processos pelos quais reconhecemos e organizamos os estímulos do nosso ambiente, para então compreendê-los, atribuindo sentido. Existem duas grandes abordagens teóricas: a Percepção Direta, que afirma que toda informação de que precisamos para percebermos o estímulo está no input sensorial que recebemos; ou a Percepção Construtiva, que afirma que construímos ou criamos o estímulo que é percebido através da interação, no momento da percepção, de informações contextuais (sensoriais) e do nosso conhecimento prévio a respeito daquele estímulo.

Teóricos cognitivos utilizam uma abordagem ascendente para explicar a percepção, focalizando primeiramente a importância dos aspectos que caracterizam o estímulo sensorial, e depois avançando em direção aos processos cognitivos superiores envolvidos na percepção. De fato, perceber significa colocar em relação as características de um estímulo, que entram através de nossa retina, num determinado momento, com conhecimentos prévios sobre aquele estímulo organizado na nossa memória de longo prazo. (Kohler, 1940), A questão reside na forma como organizamos esses conhecimentos prévios e de como os colocamos em relação com o estímulo a ser percebido, uma vez que seria humanamente impossível termos modelos específicos para cada novo estímulo que percebemos.

Uma teoria muito difundida na literatura de modelos de percepção é a Teoria do Protótipo (Franks & Bransford, 1971). Um protótipo não é um modelo rígido, específico e concreto a ser usado como base para comparação ao percebemos um estímulo. Um protótipo é uma classe de objetos, ou padrões relacionados, que integra não menos do que as características mais típicas, ou seja, aquelas observadas com mais frequência, de um determinado estímulo. O protótipo não é um par perfeito a ser casado com um estímulo de características

idênticas, mas é a representação de um padrão, uma imagem ideal armazenada na memória de longo prazo que representa uma classe de estímulos.

Os protótipos que formamos parecem integrar todas as mais típicas características de um padrão, e eles são formados a partir de nossa experiência com as diferentes classes de estímulos. Os Protótipos se desenvolvem como consequência de maior ou menor experiência com determinada classe de estímulos. Rosch, (1983). Por exemplo, uma criança na primeira infância, em desenvolvimento, nomeia o animal que anda em quatro patas e é peludo como “cão”. O seu protótipo de cão conta com poucos exemplares de cão de onde foram derivadas as características que o determinam. Por isso, muitas crianças tendem a chamar de “cão” ou “Auau” todos os animais que andam em quatro patas. Na medida em que a criança aumenta contato com diferentes cães, o número de exemplares de cães vai aumentando e características mais sensíveis vão se aglomerando na formação desse protótipo. O protótipo de cão vai então se diferenciando do protótipo de outros animais e se formando como uma tendência central de uma classe de estímulo com características comuns.

O mesmo ocorre com os processos cognitivos responsáveis pela percepção de faces. Percebemos faces ao colocar em relação as características sensoriais de um estímulo visto em um dado momento (o rosto de uma pessoa que encontramos na rua ou em uma foto em um jornal) com um protótipo de faces que temos armazenados na nossa memória de longo prazo. (Valentine, 1991; Valentine & Bruce, 1986) Este processo implica em uma tomada de decisão, se reconhecemos ou não a face em questão. (Bruce; Burton & Dench. 1994). O protótipo de faces, como descrito pela Teoria do Protótipo acima apresentada, é uma imagem ideal, resultante da generalização de todas as faces vistas por uma pessoa durante sua vida (Valentine, 1991), como a tendência central de uma classe, representando a aparência típica de um grupo de pessoas.

Os dois trabalhos apresentados nesta Tese tem como base as teorias de percepção acima apresentadas e objetivam aprofundar os estudos na temática Reconhecimento de Faces contribuindo na produção de conhecimento e aprimoramento na área de percepção